



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO

Autor (1) Genildo Agripino de Araújo; Co-autor (1) Ana Karla Medeiros da Silva; Co-autor (2);
Francisco Everlândio de Oliveira Silva; Orientadora (3) Simone Maria da Rocha
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

genildo.aa@hotmail.com

anakarla.ms@hotmail.com

everlandio01@gmail.com

simone.rocha@ufersa.edu.br

Resumo - Introdução: As fontes (auto)biográficas, constituídas por narrativas, relatos orais, registros escritos, biografias, histórias de vida, dentre outros, apresentam-se como objeto de investigação cada vez mais emergente nas Ciências Sociais e Humanas. No campo da Educação, a Pesquisa (Auto)biográfica vem ampliando e produzindo conhecimentos sobre a pessoa em processo de formação, as relações com os espaços e tempos de aprendizagem e a subjetividade inerente ao pertencer e biografar a própria vida. A necessidade de uma renovação metodológica, resultado da crise generalizada dos instrumentos heurísticos da sociologia e o axioma da objetividade, trouxe à tona o sujeito ator-autor de sua própria vida (PASSEGGI, 2011). Nesse sentido, observamos o que afirma Franco Ferrarotti (2010) que o método biográfico surge como uma aposta científica que permite ao pesquisador compreender os processos formativos a partir da perspectiva do sujeito em formação, ou seja, um sujeito protagonista de sua própria história. No âmbito da formação docente inúmeros estudos no Brasil vêm sendo desenvolvidos no sentido de apreender as experiências, saberes, conhecimentos que faz com que a pessoa torne-se docente. Surgem questionamentos que guiam nossos estudos: Como ocorre a formação na perspectiva do sujeito? Como ele tornou-se docente? Quais experiências marcaram e/ou marcam suas trajetórias? O que podemos aprender com suas histórias de vida em formação? O objetivo do presente trabalho é investigar as narrativas (auto)biográficas como prática de formação docente, e compreender como elas podem contribuir na construção de estratégias para uma práxis pedagógica significativa. Metodologia: Trata-se de uma pesquisa em andamento, realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)biográficas em Educação (GEPENAE), que envolve, além da professora orientadora, cinco estudantes das licenciaturas em Letras Libras e Letras Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Ancora-se nos princípios da investigação qualitativa em Educação, pois nos parece um caminho apropriado a trilhar, como asseguram Bogdan e Biklen (1994, p. 50) “os investigadores que fazem uso desse tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas”, congruente, portanto, com a abordagem (auto)biográfica. Os autores apresentam cinco características na pesquisa qualitativa: 1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento; 2) os dados coletados são predominantemente descritivos; 3) o interesse do pesquisador está centrado no processo; 4) os dados são analisados de forma indutiva; 5) os significados que as pessoas dão às suas experiências de vida merecem atenção especial do pesquisador. Observando tais características, percebe-se o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

lugar destinado ao pesquisador, que precisa ter um olhar atento e sensível aos acontecimentos e, ao mesmo tempo, inserir-se no local da investigação respeitando as diferenças e particularidades dos participantes. As preocupações que os investigadores qualitativos têm com os significados e interpretações estão relacionadas aos fundamentos teóricos e metodológicos que embasam a pesquisa. Assim, esse estudo ancora-se na pesquisa (auto)biográfica, ramo da pesquisa qualitativa que vem destacando-se as últimas décadas, e que apresenta uma postura epistemológica crítica, pedagógica e, eminentemente, política dos processos de formação dos indivíduos, valorizando suas experiências e histórias de vida. Os participantes do estudo são 05 (cinco) professores de escolas da Educação Básica do município de Caraúbas, Estado do Rio Grande do Norte. Para a recolha dos dados seguimos as orientações de Passeggi (2011), no que diz respeito ao Grupo Reflexivo, utilizamos as narrativas orais e escritas produzidas pelos docentes em ateliês de escrita (auto)biográficas. Segundo a autora, o Grupo Reflexivo não se trata de um método de investigação, mas sim de um processo de formação “[...] o que nele se fala, ou se cala, não visa ao interesse do pesquisador, mas, primordialmente, ao da pessoa em formação e, posteriormente, do grupo que aprende com a história do outro. Em segundo lugar, os participantes (professores, pesquisadores, formadores em formação) reconhecem seu pertencimento a esse grupo social, assim como o seu engajamento num projeto comum: partilhar com o outro a experiência vivida para compreender a si mesmo e ao outro como sujeitos históricos” (PASSEGGI, 2011, p. 150). O trabalho sustenta-se nos objetivos e princípios éticos descritos na Carta da Association Internacinale des Histoires de Vie et Formation et de la Recherche Biographique en Education, adaptados ao contexto da pesquisa. Os ateliês de escrita autobiográfica compreendem cinco etapas: O momento inicial que diz respeito aos primeiros contatos entre os participantes do grupo, a elaboração do contrato entre pares, além do contrato didático com o formador para a realização da pesquisa, respeitando os princípios éticos com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual estão explicitados os riscos e benefícios da pesquisa. Nesse momento, todas as etapas são apresentadas, na intenção de auxiliar o participante a tomar a decisão de participar ou não do grupo. Sua permanência implica engajar-se a adotar uma atitude reflexiva sobre si mesmo e sobre o que vai aprendendo durante a realização do ateliê. Em seguida, vêm as três unidades de trabalho que constituem o desenrolar propriamente dito da mediação biográfica, apresentadas ao grupo e discutidas nos ateliês para possíveis ajustes. Cada unidade parte de uma pergunta indutora para mobilizar o avanço da reflexão. A primeira – unidade de implicação – toma como base a questão: Que experiências marcaram a minha vida intelectual e profissional? Esse momento caracteriza-se pela rememoração aleatória dos fatos, acontecimentos, pessoas, lugares, tempos, espaços significativos para a formação. A segunda, volta-se sobre as experiências evocadas (ou escritas) anteriormente, de forma aleatória. A pergunta indutora é: “O que essas experiências fizeram comigo?”. É o momento em que o grupo procura compreender diante do outro e de si mesmo os dilemas, conflitos ou certezas que perpassaram ou ainda perpassam suas experiências profissionais e intelectuais e que pontuam sua trajetória profissional. A terceira unidade parte da pergunta: “O que faço agora com o que isso me fez?” Nesse terceiro momento, o trabalho de escrita da história de vida profissional e intelectual está em fase de conclusão, ou já está quase concluído. O grupo trabalha sobre o texto escrito. O momento final do ateliê é dedicado à produção do conhecimento adquirido sobre o processo de acompanhamento da escrita de si. Trata-se de refletir sobre a experiência de tomar a si mesmo como objeto de reflexão, de expor sua história e de formar-se com a história do outro (PASSEGGI, 2011). Resultados e Discussão: A narrativa estabelece uma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

hermenêutica da história de vida, ou seja, um sistema interpretativo e de construção que situa, une e permite a pessoa significar os acontecimentos de sua vida, como elementos organizados no interior de um todo (DELORY-MOMBERGER, 2008). Acreditamos que, ao narrar suas histórias os professores podem construir relações de ressignificações que os ajudem a entender e organizar suas experiências, atribuindo diferentes sentidos, quiçá, possam melhor vivenciá-las. Passeggi (2010, p. 1) defende que “a pessoa, ao narrar sua própria história, procura dar sentido às suas experiências e nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”. Para Delory-Momberger (2008, p. 35): “[...] o ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias. Antes de contar essas histórias para comunicá-las aos outros, o que ele vive só se torna sua vida e ele só se torna ele mesmo por meio de figurações com as quais representa sua existência [...]”. Na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, as histórias narradas pelos professores conduzem a processos reflexivos e de reinvenção de si também para o pesquisador em formação, sobretudo pela reflexividade que tanto ouvir como narrar pressupõe, como discorre Passeggi (2010, p. 2): “[...] a cada nova versão da história a experiência é ressignificada. E essa é uma razão para a pesquisa educacional, pois nos conduz a buscar relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica [...]”. Nos nossos achados iniciais podemos admitir que a narrativa tem um papel reflexivo não apenas para quem narra, mas também para quem escuta. Como afirma Pineau (2010, p. 103), a dinâmica reflexiva da autoformação possibilita operar um ciclo vital. Ou seja, “[...] a autoformação nas suas fases últimas corresponde a uma dupla apropriação do poder de formação; é tornar-se objeto de formação para si mesmo [...]”. Nesse sentido, podemos dizer que a pesquisa, em andamento, aponta para os processos de autoformação e heteroformação, no percurso de narrar e na tentativa de interpretação da interpretação do outro sobre as realidades vividas. A narrativa (auto)biográfica não se limita a permitir que o indivíduo simplesmente descreva acontecimentos de sua vida, antes, constitui uma ação social por meio da qual a pessoa retotaliza, de maneira sintética, o seu percurso de vida e a sua interação com o meio que a circunda. Podemos inferir ainda que as narrativas dos professores reafirma o processo autopoiético, de reinvenção de si. Conforme Passeggi (2010, p. 116) já havia verificado: “É preciso guardar que nesse direcionamento todo o interesse da pesquisa (auto)biográfica é garantir condições ideais do retorno sobre si mesmo, para que o trabalho de autobiografar exerça a ação de reversibilidade sobre o pensamento de quem narra, transformando representações anteriores de si e do mundo”. Desse modo, as análises iniciais nos permitem afirmar que as narrativas autobiográficas permitem a pessoa reinventar-se, ressignificar a vida, atribuir novos sentidos para si e para as experiências e, sobretudo, apropriar-se de sua vida, de sua história, de suas experiências e melhor apreender suas práticas docentes. Conclusões: Por tratar-se de um estudo em andamento não foi possível trazer análises mais aprofundadas das narrativas dos docentes participantes da pesquisa. No entanto, temos observado a necessidade de melhor compreender o processo de reflexividade biográfica, bem como a mediação biográfica, são conceitos que merecem um maior aprofundamento ao investigar a formação a partir do sujeito. A intenção é que possamos ao término do estudo levantar reflexões acerca da formação na perspectiva do sujeito, conhecer os percursos que os constituíram como docentes e apreender quais experiências foram essências em suas histórias de vida. Esperamos assim com os professores desenvolver estratégias para uma práxis autônoma, crítica e significativa. Considerando o que nos diz Passeggi (2011) que o processo de reflexão biográfica em grupos reflexivos coloca o coletivo no



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

seio de um fazer individual e o indivíduo no seio de um fazer coletivo, em que se alternam a escrita de si (autobiografia) e a compreensão de si pela história do outro (heterobiografia).

Palavras-chave: Narrativas de professores; Pesquisa (auto)biográfica; Formação docente.

Referências

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e métodos*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto*. Tradução Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passeggi. Natal: EDURN; São Paulo: Paulus, 2008.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, V. B. (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. A experiência em formação. *Educação*. Porto Alegre, v. 4, n. 2, 147-156, 2011.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.